

Isaac Bábel em três textos

Apresentação de BORIS SCHNAIDERMAN

Isaac Bábel (1894-1940) é certamente um dos grandes nomes da literatura de nosso século, mestre sobretudo do relato curto, de cuja concisão o próprio Hemingway declarava ter inveja. No entanto, fuzilado como inimigo do povo, só voltou a ser publicado na União Soviética, de modo muito incompleto, a partir de 1957. Muitos dos seus escritos só apareceram na Rússia depois do início da glasnost, embora já existissem em publicações ocidentais. Há notícia de que está sendo preparada uma edição de sua obra completa, que é, aliás, pouco numerosa.

Ainda recentemente, havia um mistério muito grande em torno de sua biografia. A própria data de sua morte aparece errada em dicionários literários e enciclopédias publicados a partir dos fins da década de 1950, na base de informações dadas pelos órgãos oficiais (antes, até o seu nome era proibido).

Atualmente, já estão divulgados os materiais referentes a seu julgamento e ao processo, com as atas dos interrogatórios (Ogoniók, Nº 39, 23 a 30/9/1989). Ao que tudo indica, foram destruídos os textos em que estava trabalhando nos últimos anos, seqüestrados pela polícia política, quando ele foi preso.

A autobiografia de Bábel apareceu em diversas edições soviéticas de seus escritos. Sua filha, Nathalie Bábel, que publicou uma coletânea dos escritos do pai, traduzidos para o inglês, em Isaac Babel, The Lonely Years (Farrar Straus & Company, Nova York, 1964), afirma, numa introdução ao livro, que os fatos apresentados por ele não devem ser totalmente verdadeiros, pois teria havido a intenção de apresentar um perfil adequado a um jovem escritor soviético, que não era membro do Partido Comunista. Ademais, diz ela, "he loved to confuse and mystify people". Assim, segundo lhe contara a mãe, o trabalho de Bábel na Tcheká seria "pure fabrication", e outras passagens também proviriam mais da imaginação que da vida real.

"Guedáli" (de 1924) é um dos seus contos mais conhecidos e figura no livro que se tornou famoso no Ocidente como Cavalaria vermelha. A versão em português que transcrevemos apareceu primeiramente na Folha de S. Paulo em 18/1/1986, em minha tradução. Utilizamos o texto de Ízbranoie (Obras escolhidas), publicado pela Goslitizdat (Editora Estatal de Obras Literárias), Moscou, 1957.

Os outros dois textos figuram na dissertação de mestrado de Paulo Dal-Ri Peres, Isaac Bábel – Inéditos, defendida em 1976 (foi nela que encontrei também a informação sobre Hemingway), tendo sido "Froim Gratch" divulgado no Ocidente e só depois na União Soviética (v. nota do tradutor).



Guedáli

Tradução e notas de BORIS SCHNAIDERMAN

Nas vésperas de sábado, sinto-me oprimido pela tristeza densa das recordações. Outrora, nessas noites o meu avô afagava com a barba amarela volumes de Ibn-Ezra⁽¹⁾. Minha avó, de touca de renda, murmurava, movendo os dedos nodosos sobre a vela de sábado, e chorava com doçura. Meu coração infantil balouçava-se nessas noites, qual navio em águas encantadas...

Vagueio por Jitômir, à procura da tímida estrela. Junto à sinagoga antiga, de muros indiferentes e amarelos, velhos judeus vendem giz, anil, pavios – judeus com barbas de profeta, de andrajos ardentes sobre o peito caído...

Tenho diante de mim o mercado e a morte do mercado. Foi morta a alma gorda da abundância. Cadeados mudos estão suspensos nas barracas, e o granito do calçamento é liso qual crânio de defunto. O calçamento pisca e se apaga, tímida estrela...

Foi mais tarde que me veio o êxito, pouco antes do pôr-do-sol. A venda de Guedáli escondeu-se na fila dos armazéns bem fechados. Dickens, onde estava nessa noite a tua sombra? Haverias de ver nessa lojinha de antigüidades sapatinhos dourados e cordame de navio, uma bússola antiga e uma águia empalhada, uma Winchester de caça com a data “1810” gravada e uma caçarola partida.

O velho Guedáli caminha em volta dos seus tesouros no vazio cor-de-rosa do anoitecer – é o miúdo proprietário, de óculos cinéreos e sobrecasaca verde, que vai até o chão. Esfrega as mãozinhas brancas, belisca a barba cinzenta e, a cabeça inclinada, escuta vozes invisíveis, que acorreram ao seu encontro.

Essa loja parece uma caixinha pertencente a um menino curioso e solene, que há de se tornar catedrático de Botânica. Nessa lojinha encontram-se tanto botões como uma borboleta morta. O seu pequeno dono chama-se Guedáli. Todos abandonaram o mercado. Guedáli ficou. Ele se retorce no labirinto dos globos, das caveiras e das flores mortas, sacode a vassoura colorida de penas de galo, e espana a poeira das flores defuntas.

Ficamos sentados sobre barris de cerveja vazios. Guedáli enrola e desenrola a barba estreita. A sua cartola balança-se sobre nós, qual uma torrezinha negra. Escorre um ar tépido. O céu muda de cor. Um sangue terno se verte da garrafa derrubada lá em cima, e envolve-nos um leve odor de decomposição.

– Nós vamos dizer “sim” à Revolução, mas temos acaso de dizer “não” ao Sábado? – começa Guedáli e enreda-me nos cintos de seda dos seus olhos fumarentos. – Eu grito “sim” à Revolução, mas ela se esconde de Guedáli e envia à frente apenas fuzilaria...

– O sol não entra em olhos fechados – respondo eu ao velho –, mas nós abriremos à força os olhos fechados...

– O polaco fechou-me os olhos – murmura o velho, quase imperceptível. O polaco é um cão danado. Ele pega o judeu e arranca-lhe a barba, ah, cachorro! Mas agora o apanham e batem nesse cão danado. Isto é formidável, é a Revolução! E depois aquele que bateu no polaco me diz: “Entrega, para controle, o teu gramofone, Guedáli...” “Eu gosto da música, meu senhor” respondo eu à Revolução. “Você não sabe do que você gosta, Guedáli, vou atirar em você, então vai aprender isto, eu não posso deixar de atirar, porque eu sou a Revolução...”

– Ela não pode deixar de atirar, Guedáli – digo ao velho – porque ela é a Revolução...

– Mas o polaco atirava, meu caro senhor, porque ele era a Contra-Revolução. Vocês atiram, porque são a Revolução. Mas a Revolução é alegria. E a alegria não gosta de ter órfãos em casa. Um homem bom pratica obras boas. A Revolução é uma boa obra de gente boa. Mas gente boa não mata. Quer dizer que a Revolução é feita por gente ruim. Mas os polacos também são gente ruim. Quem vai então dizer a Guedáli onde está a Revolução e onde está a Contra-Revolução? Eu estudei outrora o Talmud, gosto dos comentários de Rachi e dos livros de Maimônides⁽²⁾. E em Jitômir existem ainda outros homens de saber. E eis que todos nós, homens de saber, caímos com a face contra o solo e gritamos: “Ai de nós, onde está a doce Revolução?...”

O velho se calou. E nós vimos a primeira estrela, abrindo seu caminho ao longo da Via Láctea.

– Está chegando o sábado – disse gravemente Guedáli –, os judeus têm de ir à Sinagoga, Senhor Camarada – prosseguiu erguendo-se, e a cartola balançou-se-lhe sobre a

1 O filósofo e poeta judeu espanhol Ibn-Ezra (1070-1130).

2 Rachi é o nome de um famoso comentarista da Bíblia e do Talmud, que viveu na França no séc. XI. Maimônides foi grande filósofo e teólogo judeu espanhol do séc. XII.

3 A primeira versão desta autobiografia, escrita pelo autor em novembro de 1924, foi publicada no volume *Pissáteli: avtobiográfi i portréti sovreménnikh rússkikh prozáikov (Escritores: autobiografias e retratos de prosadores russos contemporâneos) – Sovreménnie problemi (Problemas atuais)*, Moscou, Ed. Vladimir Ufín, 1926. Foi republicada sem alterações em *I. E. Bábel – Státi i Materiali (I. E. Bábel – Artigos e materiais)*, Leningrado, Académia, 1928. Na edição das *Obras escolhidas* do escritor, da Editora Estatal de Obras Literárias, Moscou, 1957, omitiu-se todo um período dela que, entretanto, reaparece em *Escritores soviéticos*, de 1959, da mesma editora. A segunda versão, datada de 1932, foi encontrada no Arquivo Central do Estado da Literatura e Arte da URSS. Trata-se de uma cópia datilografada da primeira versão, com correções manuscritas do autor. O confronto das duas versões permite observar que o método de reelaboração de Bábel consistia mais em cortar do que em acrescentar (deixamos entre barras as partes suprimidas). Em 1932, foram acrescentadas apenas o último parágrafo e a bibliografia, que atualizam o texto.

4 O período omitido na edição soviética de 1957.

5 Adeptos da corrente que se opôs às inovações introduzidas pelo patriarca Nikon na liturgia da Igreja Russa, no século XVII (1654).

6 Em francês no original.

7 *Liétopis (Anais, Crônica)*, revista de ciências, literatura e política, dirigida e editada por Máximo Górkí, de janeiro de 1916 a dezembro de 1917.

8 Este artigo tratava da “pornografia”. Bábel foi também acusado segundo dois outros artigos referentes à “subversão”. Os contos são “Iliá Issáakovitch” e “Margarita Prokófievna” e “Mãe, Rimma e Alla”.

9 Alusão ao título do 2º volume da trilogia autobiográfica de Górkí, *Ganhando meu pão*, título este que tem, também, um sentido mais amplo.

10 Siglas de TCHerezvitchálnaia Komfisia (Comissão Extraordinária), a polícia política criada em 1918 e de NARódní KOMissariát PROsveshchénia (Comissariado do Povo para a Instrução).

11 Expedições ao campo para requisição de gêneros alimentícios.

12 O general russo Nikolai N. Iudéitch (1862-1933), que conduziu as tropas antibolcheviques numa tentativa frustrada contra Petrogrado em 1919.

cabeça, qual uma torrezinha negra –, traga a Jitômir um pouco de gente boa. Ai, eles fazem falta em nossa cidade, ai, como fazem falta! Traga gente boa, e nós entregaremos a ela todos os gramofones. Não somos ignorantes... A Internacional... nós sabemos o que é a Internacional. Também eu quero uma Internacional das pessoas de bem, quero que toda alma seja registrada e que se lhe dê uma ração de primeira categoria. Af está, alma, faça o favor de comer, tire o seu prazer da vida. A Internacional, Senhor Camarada, o senhor não sabe com o que ela se come...

– Ela se come com pólvora – respondi ao velho – e tempera-se com sangue de primeira.

E eis que o jovem sábado saiu da treva azul e subiu ao seu trono.

– Guedáli – digo eu –, hoje é sexta-feira e já chegou a noite. Onde se pode conseguir uma bolachinha judia, um copo de chá judeu e um pouco daquele Deus demissionário que sobrou num copo de chá?...

– Em parte alguma – responde-me Guedáli, pendurando um cadeado em seu cochicholo – não há mais. Aqui ao lado, fica uma taverna, e pessoas de bem tinham af seu comércio, mas nela não se come mais, nela se chora...

Abotoou a sobrecasaca verde com os três botões de osso. Espanou-se com as penas de galo, borrifou água nas palmas macias das mãos e afastou-se: minúsculo, solitário, sonhador, de cartola negra e com um grande livro de orações sob a axila.

O sábado se aproxima. Guedáli, o fundador de uma Internacional quimérica, foi à Sinagoga rezar.



Autobiografia ⁽³⁾

Tradução e notas de PAULO DAL-RI PERES

Nasci /em 1894/ em Odessa, na Moldavanka, filho de um comerciante judeu. Por insistência de meu pai, até os 16 anos, estudei a língua hebraica, a *Bíblia* e o *Talmud*. Em casa /era difícil viver, porque/, de manhã à noite, obrigavam a estudar inúmeras ciências. Descansava na escola. Ela se chamava Escola Comercial de Odessa “Imperador Nicolau I”. Era uma escola livre, ruidosa, barulhenta e multilíngua⁽⁴⁾. Lá estudavam os filhos de comerciantes estrangeiros, corretores judeus, /nobres/ poloneses de origem nobre, velhos crentes⁽⁵⁾ e muito rapagões jogadores de bilhar. Às vezes, nos intervalos, escapávamos para o cais do porto, ou aos cafés gregos para jogar bilhar, ou à Moldavanka para beber, nas adegas, vinho barato da Bessarábia. /A escola é ainda mais inesquecível para mim porque o professor de francês era Mr. Vadon/ A melhor das matérias era francês. O professor era bretão e possuía dons literários, como todos os franceses. /Ele ensinou-me sua língua e eu/ Decorei com ele os clássicos /franceses/, entrei em contato estreito com a colônia francesa de Odessa e, aos 15 anos, comecei a escrever contos em francês./ Escrevi-os durante dois anos mas, depois, deixei. Os *paysans*⁽⁶⁾ e quaisquer pensamentos de autor safam-me apagados, somente o diálogo me safa bem./

/Depois,/ Terminada a escola, mandaram-me para Kiev e, em 1915, fui parar em Petersburgo. Lá, me vi /terrivelmente/ mal, não tinha permanência” e evitava a polícia abrigando-me Púchkin, em casa de um garçon bêbado e aniquilado. 1915, comecei a levar meus escritos às redações, parte, enxotavam-me e os redatores (o falecido outros) tentavam persuadir-me a trabalhar como loja, não /os/ escutei e, no final de 1916, encontrei sim, eu/ Devo tudo a este encontro /e até hoje Aleksei Maksímovitch com amor e veneração/. Górkí publicou meus primeiros contos no número de novembro de 1916 da *Liétopis*⁽⁷⁾. (Por causa desses contos fui chamado à responsabilidade /penal/ segundo o artigo 1001 /do código⁽⁸⁾/). Ele me ensinou coisas /extremamente/ importantes e, depois, quando ficou claro que duas ou três experiências /juvenis/ suportáveis haviam sido, simplesmente, um sucesso casual e com a literatura eu não estava conseguindo nada, que eu escrevia surpreendentemente mal, Aleksei Maksímovitch mandou-me para o mundo⁽⁹⁾.

/E eu,/ Durante sete anos, de 1917 a 1924, tive muito que aprender. /Nessa época,/ Fui soldado na frente romena, depois servi na *Tcheká*, no *Narkomprós*⁽¹⁰⁾, nas expedições de Abastecimento de 1918⁽¹¹⁾, no exército do Norte contra Iudiênitch⁽¹²⁾, no Primei-



ro Exército de Cavalaria⁽¹³⁾, no comitê Provincial de Odessa, fui expedidor na Sétima Tipografia Soviética em Odessa, repórter em Petersburgo e Tiflis etc. E, somente em 1923, consegui expressar meus pensamentos de um modo claro e não muito longo. /Então, eu novamente me pus a escrever./

Por isso, refiro o início do meu trabalho literário ao /começo do/ ano de 1924, quando meus contos “Sal”, “Uma carta”, “A morte de Dolguchóv”, “O rei” e outros apareceram na /no 4º número da /revista LEF⁽¹⁴⁾.

Durante dois anos foram escritos *Cavalaria vermelha* e *Contos de Odessa*. Depois, veio novamente o tempo das peregrinações, do silêncio e da acumulação de forças. E, agora, diante de mim tenho um novo trabalho⁽¹⁵⁾.

Contos de Odessa.

Contos, Ed. “Ogoniók”, Moscou, 1925.

Contos, 1925, GIZ; 2ª ed., 1927.

História do meu pombal. Contos. ZIF, Moscou, Leningrado, 1926.

Estrelas errantes. Roteiro cinematográfico. Moscou, “Kinopetchátel”, 1926.

Bênia Krik. Cine-novela. Ed. Krug, Moscou, 1926.

O fim de S. Ipátio. Contos. “ZIF” Moscou, 1926.

Cavalaria vermelha. Contos. GIZ, Moscou, Leningrado, 1926, 2ª ed., GIZ, 1927.

O crepúsculo. Peças. Ed. Krug, Moscou, 1928.

Froim Gratch⁽¹⁶⁾

Tradução e notas de PAULO DAL-RI PERES



13 Criado em 17/11/1919, sob o comando do general Budiônni, Bâbel participou dele durante a guerra russo-polonesa de 1920, onde fez as anotações que serviram de base para seu livro de contos *Cavalaria vermelha*.

14 Sigla de *Liévi Front Iskusstva* (*Frente de Esquerda da Arte*), publicação periódica (1923-25) cubo-futurista, dirigida por Malakóvski. Bâbel se equivocou – estes contos foram publicados no número 4 de 1923 e não em 1924.

15 Este parágrafo e a bibliografia que o segue aparecem na versão corrigida de 1932.

16 Primeira publicação em almanaque *Vozdúchnie puti* (*Vias aéreas*) nº 3, Nova York, 1963. A primeira publicação soviética é de 1964. *Gratch* significa “gralha”.

17 Nome atribuído por Bâbel ao chefe dos 40.000 bandidos que atuaram em Odessa no período da Guerra Civil, e que aparece nos *Contos de Odessa*. *Krik* significa “grito”.

18 Os exércitos brancos conduzidos pelo general czarista Wrangel.

19 Apropriação de valores determinada pelo Soviete de Odessa, no início da Revolução.

20 Associação de operários de uma mesma profissão. No caso, trata-se de bancários ou de trabalhadores que teriam ocupado o banco. Parece estranho os bandidos “apresentarem um pedido” num assalto. Sabemos por outros contos do autor que esta é uma característica de Bênia Krik; ele considera seus assaltos como “assuntos comerciais” – envia cartas no estilo correspondente e até discute a situação do mercado internacional.

21 Bairro à beira-mar, em Odessa.

22 Um tipo de charrete.

23 Tropas da Argélia e do Senegal, trazidas pelos franceses durante a intervenção estrangeira contra a URSS.

24 Diminutivo de Aleksandr.

Em 1919, os homens de Bênia Krik⁽¹⁷⁾ atacaram a retaguarda das Tropas Voluntárias⁽¹⁸⁾, esfaquearam os oficiais e apoderaram-se de parte do comboio. Como recompensa exigiram do Soviete de Odessa três dias de “insurreição pacífica”⁽¹⁹⁾, mas não receberam autorização e por isso saquearam os tecidos de todas as lojas situadas na Avenida Aleksándrovski. Em seguida, dirigiram suas atividades para a Sociedade de Crédito Mútuo. Empurrando os clientes, entraram no Banco e apresentaram aos membros do *artiel*⁽²⁰⁾ um pedido para depositarem sacos com dinheiro e jóias num automóvel que esperava na rua. Passou-se um mês antes que se começasse a fuzilá-los. Houve quem dissesse que Aron Piéskin, proprietário de uma oficina, tinha algo a ver com as capturas e prisões. Não se estabeleceu em que consistia o trabalho daquela oficina. No apartamento de Piéskin havia um instrumento, máquina comprida com eixo de chumbo retorcido. No chão, serragem e papelão para encadernar.

Numa manhã de primavera Micha Iáblotchko, um amigo de Piéskin, bateu à porta da oficina.

– Aron – disse o visitante a Piéskin –, lá fora está um tempo maravilhoso. Você tem em minha pessoa um tipo capaz de tomar contigo meia garrafa com antepasto a gosto e dar um passeio ao ar livre, na Arcádia⁽²¹⁾... Você pode rir de um tipo assim, mas eu gosto, às vezes, de livrar da cabeça estes pensamentos todos...

Piéskin vestiu-se e foi com Micha Iáblotchko de *steiger*⁽²²⁾ para a Arcádia. Passearam até o fim da tarde; ao anoitecer, Micha Iáblotchko entrou no quarto onde madame Piéskina lavava numa tina a filha de catorze anos.

– Salve – disse Micha, tirando o chapéu –, passamos umas horas maravilhosas. O ar está qualquer coisa de excepcional, mas é preciso armar-se de paciência antes de falar com teu marido... Ele tem um gênio difícil.

– É para mim que você conta isso? – exclamou madame Piéskina, agarrando a filha pelos cabelos e sacudindo-a em todas as direções. – Onde está este aventureiro?

– Descansando no jardim.

Micha pôs novamente o chapéu, despediu-se e partiu no *steiger*. Madame Piéskina nem esperou o marido entrar – foi procurá-lo no jardim. Ele estava sentado apoiando-se na mesa, usando um panamá e com os dentes arreganhados.

– Aventureiro – disse-lhe madame Piéskina –, você ainda ri... Vou ter um ataque por causa da tua filha, ela não quer lavar a cabeça... Vá ter uma conversa com ela...

Piéskin permanecia calado e com os dentes arreganhados.

– Vagabundo – começou madame Piéskina, espiou para debaixo do panamá e gritou. Os vizinhos vieram correndo.

– Ele não está vivo – disse-lhes madame Piéskina. Está morto.

Enganava-se. Piéskin tinha o peito perfurado em dois locais e uma fratura craniana, mas ainda vivia. Levaram-no ao hospital judeu. O próprio doutor Silberberg operou o ferido, mas Piéskin não teve sorte e morreu sob o bisturi. Nesta mesma noite, a *Tcheká* prendeu um indivíduo apelidado “Georgiano” e seu amigo Kólia Lápidus. Um, era o cocheiro de Micha Iáblotchko, o outro, esperava o carro na Arcádia, na praia junto à curva que dá para a estepe. Fuzilaram-nos após um interrogatório sumário. Somente Micha Iáblotchko escapou da emboscada. Sua pista se perdeu e passaram-se alguns dias até que uma velha, vendedora de sementes de girassol, surgiu no pátio da casa de Fróim Gratch. Carregava a cesta dos seus produtos debaixo do braço. Uma de suas sobrancelhas, moita densa, negra como carvão, aparecia no alto e a outra, apenas esboçada, arqueava-se sobre a pálpebra. Fróim Gratch, esparramando as pernas, estava sentado junto à estrebaria e brincava com o neto Arkádi. Este menino desprendera-se, três anos antes, do útero possante de sua filha Baska. O avô estendeu um dedo a Arkádi, que o agarrou, suspendeu-se e ficou balançando-se, como numa barra.

– Você não vale nada... – disse Fróim ao neto, olhando-o com seu único olho.

A velha da sobrancelha densa e botinas masculinas atadas com barbante aproximou-se dele.

– Fróim – disse a velha –, eu te digo que esta gente não é humana. É gente sem palavra. Massacraram-nos nos sótãos como cachorros numa fossa. Nem nos permitem dizer uma palavra antes da morte... É preciso roer esta gente com os dentes e arrancar-lhes o coração... Você continua calado, Fróim – acrescentou Micha Iáblotchko –, os rapazes estão esperando você começar a falar...

Micha ergueu-se, passou a cesta de uma à outra mão e saiu, erguendo a sobrancelha negra. Três meninas de tranças entrelaçadas cruzaram com ele, na praça Alekséievskaja, junto à igreja. Passeavam, abraçadas pela cintura.

– Senhoritas – disse-lhes Micha Iáblotchko –, não vou lhes oferecer chá com biscoitos...

Com ajuda de um copo, despejou-lhes as sementes de girassol no bolso dos vestidinhos e desapareceu, contornando a igreja. Fróim Gratch ficou sozinho no pátio. Sentado imóvel, vazio com seu único olho. As mulas, tomadas das tropas coloniais⁽²³⁾; trincavam o feno na estrebaria, as éguas cevadas pastavam com os potros no prado. À sombra de um castanheiro, os cocheiros jogavam cartas e tomavam tragos de vinho em tijelas de barro. Lufadas tórridas de vento investiam contra as paredes caídas e o sol, num torpor azul, derramava-se pelo pátio. Fróim levantou-se e saiu à rua. Atravessou a Prokhórovskaja, que expelia para o céu o fumo miserável e dissolvido de suas cozinhas, e a praça do Belchior, onde pessoas enroladas em cortinas e reposteiros vendiam-nos uns aos outros. Atingiu a rua Ekaterínskaia, virou junto ao monumento da imperatriz e entrou no prédio da *Tcheká*.

– Sou Fróim – disse ao comandante –, preciso falar com o patrão.

Naquela época, o presidente da *Tcheká* era o moscovita Vladislav Símen. Avisado da chegada de Fróim, convocou Borovói, o juiz de instrução, para informar-se sobre o visitante.

– É um tipo grandioso – respondeu Borovói –, Odessa inteira vai passar na tua frente...

O comandante introduziu no gabinete um velho coberto por um capotão de lona e enorme como um edifício, ruivo, um olho tapado e com a face desfigurada.

– Patrão – disse o recém-chegado –, quem você está caçando?... Você está caçando águias. Com quem você vai ficar, patrão, com o estrume?...

Símen fez um movimento e entreabriu a gaveta da mesa.

– Estou limpo – disse, então, Fróim –, não tenho nada nas mãos, não tenho nada nas botas e não tenho ninguém na rua... Deixe os meus rapazes, patrão, diga o teu preço.

Acomodaram o velho numa poltrona e trouxeram-lhe conhaque. Borovói saiu e reuniu em sua sala os juizes de instrução e comissários vindos de Moscou.

– Vou lhes mostrar um tipo – disse –, uma epopéia, não existe igual...

E Borovói contou que o zarolho Fróim, e não Bênia Krik, era o verdadeiro chefe dos quarenta mil ladrões de Odessa. O velho escondia o jogo, mas tudo era executado segundo seus planos – o saque das fábricas e do tesouro de Odessa, os ataques contra os Voluntários e as tropas aliadas. Borovói esperou a saída do velho para conversar com ele. Fróim não aparecia. Cansado de esperar, o juiz saiu à sua procura. Percorreu o prédio inteiro e, para terminar, deu uma olhada no pátio de serviço. Fróim Gratch jazia ali, estendido sob uma lona, junto ao muro coberto de hera. Dois soldados fumavam cigarros improvisados perto do cadáver.

– Um verdadeiro urso – disse o mais velho ao ver Borovói –, uma força incrível... Se não tivéssemos matado o velho, ele viveria para sempre... Já tinha dez disparos e continuava se mexendo...

O soldado estava todo vermelho, seus olhos cintilavam, o gorro tinha caído para um lado.

– Você diz besteira – interrompeu o outro soldado da escolta –, morto é morto, não tem diferença...

– Essa não – exclamou o mais velho –, um implora, grita, outro não diz palavra... Como é que você vem dizer que não tem diferença...

– Para mim, são todos iguais – repetiu obstinado o soldado mais jovem –, todos têm a mesma cara, não vejo diferença...

Borovói inclinou-se e levantou a lona. Uma careta permanecia no rosto do velho.

O juiz de instrução voltou à sua sala. Era uma sala circular, forrada com seda. Discutiam-se ali as novas regras administrativas. Símén fazia um relato sobre as irregularidades que constataria, as sentenças mal formuladas e as atas estupidamente redigidas. Insistia para que os juizes de instrução, divididos em grupos, comessem a trabalhar com os juriconsultos e conduzissem os casos segundo os formulários e modelos estabelecidos pela Administração Central de Moscou.

Borovói ouvia, sentado no seu canto. Estava sozinho, distante dos demais. Depois da reunião, Símén aproximou-se dele e pegou-lhe a mão.

– Você está aborrecido comigo, eu sei – disse –, só que nós somos o Poder, Sacha⁽²⁴⁾, nós somos o Poder do Estado, é preciso lembrar-se disso...

– Não estou aborrecido – respondeu Borovói, voltando-se –, você não é de Odessa, não pode saber disso, este velho é toda uma história...

Sentaram-se lado a lado, o presidente, que completara vinte e três anos, e seu subordinado. Símén segurava a mão de Borovói na sua e apertava-a.

– Responda-me, como tchekista – disse, depois de um momento de silêncio –, responda-me como revolucionário, um homem destes é necessário na sociedade futura?

– Não sei – Borovói não se mexia e olhava diretamente para a frente – com certeza, não é necessário...

Fez um esforço e descartou as recordações. Em seguida, reanimando-se, pôs-se novamente a contar aos tchekistas de Moscou a vida de Fróim Gratch, sua astúcia e habilidade em não se deixar prender, seu desprezo pelo próximo, todas estas histórias extraordinárias pertencentes ao passado...

